

O Riso no Contexto das Relações Étnicas na Região de Colonização Alemã

Roswithia Weber

Professora do Centro Universitário FEEVALE.

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. E-mail: roswithia@feevale.br.

Resumo

O texto aborda o riso enquanto objeto de estudo no campo da História analisando elementos de cunho humorístico presentes na tradição oral nas regiões colonizadas por imigrantes alemães. Analisa como o riso está relacionado às relações inter e intraétnicas.

Palavras-chave: História, riso, etnicidade alemã.

Abstract

The text approaches the laugh while object of study in the field of History, analyzing elements of humoristic matrix found in the oral tradition in the regions of German settlings. It also analyses how laugh is related to ethnical relationship.

Keywords: History, laugh, German ethnicity.

Apontamentos preliminares

Analizamos aqui a presença do humor na sociedade colonial¹ a partir de elementos presentes na tradição oral. Houve uma produção do gênero humorístico no dia-a-dia da sociedade colonial, que merece um tratamento enquanto objeto de estudo da história.

Com este objetivo utilizamos dois livros² de Telmo Lauro Müller um historiador-memorialista riograndense dedicado à história da imigração alemã. Nos livros em questão este autor recolheu material de cunho

humorístico na tradição oral.

Müller relata piadas e anedotas, fictícias ou reais que tematizam situações que se passam na colônia ou no ambiente urbano. O próprio autor, por vezes, conta 'causos' de sua vida de colono em Lomba Grande, onde nasceu em 1926. Sua trajetória, em vários momentos, faz-se presente no material coletado, mesmo indiretamente, ou seja, pelas histórias a ele contadas e portadoras de uma memória que é anterior as suas próprias experiências de menino que sai de Lomba Grande, vai para São Leopoldo e Porto Alegre para estudar.

A partir deste material buscamos analisar a comicidade, o riso, que perpassa as piadas, anedotas e ainda outros relatos apresentados pelo autor, com o propósito de compreendermos a forma pela qual o riso se dá no conjunto histórico do grupo em questão- alemães e teuto-brasileiros- no ambiente colonial e fora dele.

Há algo de vivo no material coletado por Müller. Embora o mesmo esteja exposto como registro, reificação, podemos perceber que há *algo mais* naquilo que suscitou e suscita o riso. A memória exige um tratamento especial, uma vez que não apresenta simplesmente o que aconteceu, como algo armazenado. A dimensão simbólica daquilo que faz rir e do que é lembrado é o que nos leva a conhecer o grupo humano e sua rede de relações.

Para pensar o riso: quem ri, quem não ri, porquê

¹ No contexto desta produção consiste naquela sociedade que se desenvolveu na região colonizada por imigrantes alemães ou por seus descendentes.

²MÜLLER, Telmo L. *Colônia alemã: imagens do passado*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

³MÜLLER, Telmo L. *Colônia alemã: histórias e memórias*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1978.

ri, fez com que nos cercássemos de diferentes autores, que estão, em alguns casos, longe de apresentar um acordo teórico-metodológico. Não é nosso propósito discutir as distintas abordagens, mas de alguma forma apresentamos alguns pontos neste sentido. De acordo com as exigências de nossas fontes nos apoiamos em autores que se preocuparam com o riso, das quais destacamos, Henri Bergson (1987) e Vladimir Propp (1992), bem como, autores que tomam fontes cômicas como objeto de pesquisa.

Evidencia-se, portanto, a necessidade de buscar aportes teórico-metodológicos em searas outras, para dar conta de nosso objeto de estudo. Assim, é na literatura (teoria literária) e em campos não-literários (marxismo, psicanálise) que estão situados a maior parte dos autores que fundamentam nosso estudo. Ressaltamos ainda que nem todos os textos trabalhados tratam diretamente do riso, o que indica a necessidade do historiador se cercar dos mais diversos textos que possibilitem lidar com as problemáticas que adentram seu objeto.

Com relação às fontes analisadas convém observarmos algumas de suas características que à primeira vista são empecilhos à análise. Há a dificuldade de situarmos a autoria das piadas ou anedotas. Em alguns casos temos a indicação de quem conta, o que não coincide necessariamente com a autoria. Outro mal-estar está ligado à imprecisão de um marco temporal para o material coletado. A primeira dificuldade pode ser amainada ao entendermos o caráter da fonte. Esta, proveniente da tradição oral, permite enfocar em plano secundário o sujeito que conta, priorizando o grupo a qual ele pertence, pois, a identidade é reconstruída por experiências semelhantes entre os indivíduos de um dado grupo, na forma em que ele que ri ou é objeto de riso. Quanto à segunda dificuldade, cabe-nos resolvê-la nos limites da própria problemática do tempo na história. Se, por um lado precisamos situar nosso objeto no espaço-tempo afim de compreender o riso (contextualizá-lo), por outro, é necessário levar em conta que abordar a memória, significa reconhecer a multiplicidade do tempo.³

Do material coletado por Telmo L. Müller, reunimos diferentes conjuntos conforme o que o riso representa. No primeiro, demonstramos a possibilidade de aproximarmos-nos de uma cultura através das peculiaridades do riso no próprio grupo.

No segundo, abordamos o riso enquanto sintoma de problemas do grupo enfocado.

Peculiaridades do riso na Colônia Alemã

Em algumas situações parece estranho aquilo que suscita o riso:

Dois colonos se encontram.

- 'Wie Gehts', como vai?

- 's'geht', vai indo.

- 'Dan gehts jo', bem, então vai.

Conjugaram tão somente o verbo 'gehen', andar, no sentido de 'vai indo'. (MÜLLER, 1981. p.58)

A comicidade presente no relato acima está envolta num clima de cumplicidade entre os colonos, na qual, o idioma falado tem papel fundamental. A afirmação em forma de questionamento que faz Bergson (1987:13) ilustra bem estes aspectos: (...) *já não se notou que muitos efeitos cômicos são intraduzíveis de uma língua para outra, relativos, pois, aos costumes e às idéias de certa sociedade?* Dessa forma, a tradução literal do texto não nos diz muito sobre um riso que está ligado a um fato tão comum: encontrar algum conhecido na rua.

Apresentando as mesmas peculiaridades que estão por trás do riso temos ainda outro caso:

Numa escola colonial, o professor, numa aula de religião, resolvera falar das inscrições tumulares. Para exercitar os alunos, perguntou-lhes o que, por exemplo, se poderia escrever na sua (...) pedra tumular. Tomou o giz e perguntou 'quem quer escrever alguma coisa?'

Como o quadro-negro tivesse de ser apagado, perguntou pelo pano de apagar. Quem o viu? Vamos pensar o que se poderia escrever no meu túmulo. Nisso, no fundo da sala, o Fritz aponta o dedo (...). O professor está radiante pois ouvirá o primeiro epitáfio. Manda o menino falar:

- Ai do laid de Lumbe...', aqui está deitado o sujeito, ao mesmo tempo em que mostrava o pano de apagar entre os bancos. O anedótico está no fato de 'Lumbe' poder ser o pano e um sujeito qualquer. (MÜLLER, 1978, p. 87-88).

Aqui também temos a questão idiomática como fundamental. A palavra "lumbe" representa duas idéias - o pano e um sujeito qualquer. Configurou-se neste caso a emissão de um chiste intelectual⁴, que implica no deslocamento do tema distinto do inicial (do "lumbe" apagador para o "lumbe" sujeito qualquer), acrescido de um acento psíquico em que o aluno tem prazer ao emitir o chiste, colocando-se numa posição de enfrentamento ao professor que, por sua vez, encontra-se privado da possibilidade de rir, dado sua imagem frente ao grupo de alunos. No contexto da comunidade

³Ver: LE GOFF (s/d) .

⁴Ver: FREUD (1969). Freud está mais preocupado com a essência do chiste do que com a sua pertinência à comicidade.

colonial, com um sistema educacional marcado pela rigidez, a atitude de enfrentamento parece ser somente possível, sem maiores danos, através do humor.

A cumplicidade presente naquilo que faz rir está também relacionada aos códigos culturais:

Conta-se que na colônia, em outras épocas, era costume, nos casamentos, bater o sino grande se a noiva fosse virgem e o sino pequeno, se esse não fosse o caso. Na hora da conversa com o pároco isso era reafirmado. Todos sabiam que era assim. Um colono vem para a vila para combinar o casamento. Tudo acertado, ele suspira aliviado e - graças a Deus! - levanta-se para sair quando o pároco pergunta seco:
 - O sino grande ou o sino pequeno?
 - O sino grande, Pastor, o sino grande.
 O Pastor volta a insistir: o grande...
 O colono deu dois passos, mexeu o chapéu entre os dedos, e voltando-se para o religioso disse:
 - O sino grande, é claro, o grande, mas o senhor pode mandar bater um pouco o pequeno junto...(MÜLLER, 1981, p.52).

Depreendemos daí que a sociedade pode encontrar através de seus códigos, uma forma de rir daquilo que é tratado como algo sério, o aspecto de diversão do riso está vinculado, neste caso, a princípios moralizadores.

Comumente, os alemães são identificados como sérios, secos, de poucas palavras e sem muito tempo para a diversão, e talvez, sem muito tempo para rir. Contudo, convém estarmos atentos às simplificações, estereótipos e discursos ideológicos que perpassam por estas idéias. Também é preciso considerar que o riso está relacionado às múltiplas atividades humanas, podendo estar tanto no gesto mais simples dos colonos em seu cotidiano, como vimos há pouco, quanto nos momentos festivos propícios, como aparece na situação seguinte:

Sendo levado a Pia Baptismal a criança barbada o sr. Virgílio Bruno Hoher recebeu o nome almofadinha "Chita", servindo de padrinho o sr. Willy Matte e como madrinha Oscar L. Becker, vulgo Pistola. Este acto foi solenizado por ocasião do tradicional Kerb, realizado no salão do sr. Alberto Petry com a presença de toda assistência e principalmente de grande número de colegas.
 Este atestado foi lavrado por mim sendo verdade o que acima declaro, assigno-me Rodolfo Becker, Escripturario. Lomba Grande, 26 de setembro de 1922.
 Testemunhas: Oscar Becker, Edwino H. Weber, ilegível, Jacob Purper, Frederico Alberto Petry, Reinaldo Carlos Müller (vigário) (MÜLLER, 1981, p.50-51).

Este texto consiste na transcrição de uma "Certidão de Batismo" resultante de uma das tantas brincadeiras próprias do Kerb. Müller demonstra o espírito festivo "de Kerb" em outros aspectos do

documento. Este contendo três selos, sendo que um deles é o 'selo de consumo' que vinha sobre as tampinhas de cerveja (Müller, 1981, p.51).

O traço de comicidade da referida certidão pode ser analisado pela oposição entre conteúdo e forma, onde há o uso de uma forma (ritual do batismo) que é "deformado". Aspecto este, próprio da paródia. Conforme Sant'Anna (1988)⁵, o eixo parodístico coloca as coisas fora de seu lugar 'certo' (p.29). Temos na brincadeira acima citada a imitação das características exteriores (ritual: presença dos padrinhos, o nome do batizado, etc) de um fenômeno social (o batismo) que por sua vez está desprovido de sentido interior. De acordo com Propp (1992, p.86) há uma "(...) repetição de traços exteriores do fenômeno na ausência de conteúdo interior".

Na relação de oposição entre forma e matéria podemos concluir com Bergson (1987, p.30) : "(...)para uma cerimônia tornar-se cômica, basta que nossa atenção se concentre no que ela tem de cerimonioso, e esqueçamos sua matéria, como dizem os filósofos, só para pensar na forma."

Os exemplos neste texto expostos, até então, indicam que a comicidade é expressa sob diferentes formas: textual (narrativa), oral e gestual, no âmbito da sociedade colonial. A presença do riso varia conforme a causa, mas a unidade dos exemplos está na cumplicidade do riso entre o grupo social analisado.

O riso enquanto sintoma de problemas

Grande parte do material coletado por Müller apresenta personagens do meio rural em contato com o meio urbano donde a temática do "viver entre dois mundos" é destacada. Ao analisarmos o riso neste contexto, constantemente estamos a questionar onde localizar a identidade de quem ri (de quem o colono ri e quem ri dele). Identidade esta que se constrói também através do riso.

As anedotas abaixo demonstram situações de vida típicas da colônia, onde a dificuldade idiomática está presente; podendo envolver um leque de problemas sociais:

Na venda da colônia aparece um sujeito e pede 2Kg de "batataingless..."O caixeiro não sabe de que se trata e vai perguntar ao dono da venda:
 - Está aí um sujeito que quer batata em vidro.
 - Em vidros nós não temos; só em sacos.
 Acontece que 'ingleese', inglesa por eufonia confundido-se com 'in Gläser' em vidros. (MÜLLER, 1978, p.84).

⁵ Afonso Romano de Sant'Anna analisa comparativamente os conceitos de paródia e estilização em Iuri Tynianov e Bakhtin, e propõem a ampliação do conceito de paródia a partir de sua relação com o de paráfrase e apropriação.

A Escola Normal Evangélica, em São Leopoldo, recebia em sua quase totalidade jovens da colônia para prepará-los para as lides do magistério no interior. O erre é um dos pontos fracos de nosso colono de origem teuta. Um dia um professor de Português resolve fazer uma campanha pela pronúncia forte do erre. Disse que todos chamassem a atenção dos colegas que pronunciavam o erre 'mole', como 'tera, fero, chimaron'(...).

Os rapazes estão jogando bola no pátio e esta voa para a rua. Um deles se queixa: 'de novo na rua', pronunciando um erre mole.

Foi aí que um dos entusiasmados com a campanha do professor entra firme:

-Ooo...du... carega no erre puro... carrega no erre, burro! (MÜLLER, 1981, p.53).

Em ambos os exemplos, o idioma falado pelo colono torna-se objeto de riso, certamente não de seu próprio grupo, mas daquele que vê como defeito a forma que o colono fala. Conforme Propp (1992, p.31), *"A dificuldade está no fato de que o nexo entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório nem natural. Lá, onde um ri, outro não ri"*.

Assim, entre os colonos, o problema idiomático não é cômico, não constitui-se em defeito, em "erro". O cômico se dá quando ele entra em contato com o "outro mundo", com as exigências do idioma português.

No segundo exemplo o efeito causador do riso é duplo. Ri-se da cena (pronúncia do erre mole) e de sua repetição (onde não só aparece o problema com o erre, mas com o p-b).

A língua falada pelo colono alemão é um elemento importante de afirmação de sua etnicidade. O riso suscitado pelos exemplos acima pode variar na forma pela qual afeta uma sociedade em determinado período. Podemos pensar que um descendente de imigrantes alemães nos dias de hoje pode rir destas anedotas, contudo, no contexto das dificuldades do processo colonizador, o sentido do riso ou mesmo sua interdição tivesse outro sentido.

Neste caso, lembramos a Campanha de Nacionalização instituída pelo Estado Novo forçando a nacionalização dos descendentes de imigrantes. Fato que carrega elementos de tristeza para quem foi vítima do mesmo:

Nem todas as minhas experiências de aquisição da língua portuguesa foram prazerosas (...). A diferença entre consoantes surdas e sonoras me roubaram horas de sono. (...) O defeito não era só meu. Todos na minha comunidade cometiam os mesmos erros. Está-vamos falando um idioleto, como soube mais tarde. Acontece que meus educadores não sabiam nada de idioletos. (SCHÜLLER, 1996. p.187).

A relação que faz Bergson (1987.p.12) entre o riso e a insensibilidade, indiferença, está presente tanto na

atitude dos educadores da rememoração acima, quanto daqueles que riam da problemática em questão.

Podemos perceber que o riso tem um papel fundamental no processo de "silenciamento"⁶ do imigrante alemão, o que permite colocarmos em questão: que comportamentos são adotados por aqueles que são motivo de riso? Que riscos há em estes comportamentos serem também motivo de riso? Como diz Bergson (1987. p.18), *"(...) o riso 'castiga os costumes'. Obriga-nos a cuidar imediatamente de parecer o que deveríamos ser, o que um dia acabaremos por ser verdadeiramente"*.

Seja num contexto em que o riso atua como simples meio de ridicularizar o outro (já sendo aí um meio de poder- ri por colocar-se numa posição de superioridade) ou quando uni-se como estratégia de poder ao lado de outros discursos (caso da Campanha de Nacionalização), o riso pode ocasionar, não só, uma mudança de comportamento daquele que é objeto de riso, como também, manipular um imaginário social acerca do que é o colono, o descendente de alemães.

Dentre as anedotas que foram recolhidas por Telmo Müller, encontramos inúmeras com a temática das experiências do colono no ambiente urbano, das quais destacamos:

Um colono tinha uma questão de terras e teve de ir à cidade procurar um advogado chamado 'Carlos de Andrade Netto'. Chegando à casa do mesmo, o colono leu a placa indicativa:

-Totor Kalos de Antrade Net...to, e concluiu "se o advogado não está, tenho que vir noutra oportunidade.

Explica-se: o colono leu "Netto" separadamente, em pronúncia Hunsrück- Net-to- não está, e daí a confusão de voltar outro dia". (MÜLLER, 1981. p.49)

Quando surgiram os primeiros supermercados nas cidades, algumas senhoras da colônia resolveram ir até lá para ver a novidade. Caminharam pelos corredores, encantadas com tudo o que viam. Nisso vem uma mulher citadina, empurrando o conhecido carrinho (...). Ela não consegue seguir porque as colonas 'fecham' o corredor.

-Com licença, sai daqui, diz a mulher.

Nada. As mulheres do interior continuam admirando e admiradas.

-Sai daqui...sai daqui...

Nesse momento uma das visitantes resolveu dar uma resposta:

-Mie sinn kai Sai un kai Kii, mie sin Weibslid vun dea Daitsch Kolonie, nós não somos porcas nem vacas, nós somos mulheres da colônia alemã.

Acontece que 'Sai', de sair, soa como 'porcos' em dialeto e 'daqui' soa como 'vacas'. (MÜLLER, 1981. p.55-56).

Dois colonos estão sentados na Praça da Alfândega em Porto

Alegre. Tudo os encanta. O relógio do alto do edifício

⁶Obviamente o aprendizado da língua portuguesa é implícito ao processo de colonização, entretanto, em muitos casos, a condução deste, levou ao silenciamento, o que fez com que a língua deixasse de ser tão enfatizada enquanto critério de etnicidade.

não lhes sai dos olhos. Nisso o guarda da praça abre a torneira do chafariz e o relógio começa a bater.

-Olha só onde ele deu corda no relógio, diz um deles (MÜLLER, 1981, p.49).

Aquele que ri dos casos acima pode ser identificado como o outro que ri de comportamentos que não são os seus (ridicularizando-os), pode, pertencer a outro grupo étnico (diferente do alemão) ou, ainda, ser do próprio grupo. Neste caso, é possível que o cômico se torne visível para quem não enfrenta a situação de inadaptação ao outro ambiente.

O sentimento de superioridade está ligado ao riso, "(...) *encontrar-se-á no fundo do pensamento daquele que ri um certo orgulho inconsciente* (Baudelaire, 1991, p. 33)". Pensamos que o riso das cenas relatadas não partem somente do grupo diferente (luso, por exemplo), mas também dos próprios descendentes de alemães que vivem no mundo urbano (que possivelmente se identificam como alemães e alemãs) e que se colocam numa posição de superioridade frente aos *alemãos e alemoas* (que vivem na área rural). O "alemão-batata" é, portanto, objeto de riso. O fenômeno do "alemão-batata" é contextualizado por Gertz (1991) no período 1945-1974 e está relacionado à reação de setores urbanizados frente ao colono, considerados atrasados e sem refinamento. Esta reação também parte dos próprios alemães.

A mesma característica problemática ('riso intraétnico') perpassa pelas anedotas com a temática da religião, que evidenciam as rivalidades entre alemães católicos e protestantes:

Vinha o padre pela estrada da colônia com seu burrinho quando resolve perguntar a um colono:

-Onde mora o Pedro Schmidt?

-O senhor já passou da casa dele.

-Devo, então, andar para trás?

-*Não é preciso andar para trás, Padre, o senhor pode virar o burro e andar para frente* (MÜLLER, 1981, p.47).

O Padre Amstad seguia pela colônia com seu burro que, sentido-se mal, deitou, estrebuchou e morreu. Nisso vem passando um colono protestante que, em vista da cena, perguntou ao Padre:

-O senhor deu a extrema unção ao burro?

-*Não foi necessário, pois o burrinho era protestante* (MÜLLER, 1978, p.87).

Há neste tipo de humor um conteúdo de crítica. Identidade étnica e identidade religiosa parecem conflitantes e, se na prática, teuto-católicos e teuto-protestantes tem um convívio pacífico, as anedotas demonstram uma demarcação, diferenciando ambos. O padre é identificado como o bobo, burro. Podemos levantar a questão, mesmo sem persegui-la: no contexto cultural do século XIX seriam possíveis outras

formas de ironizar, criticar a outra religião, especialmente a católica, se não pela via do humor? E, mesmo pela via deste qual seria o grau de permissividade? Colocamos esta última questão tendo em vista a polêmica decorrente de um judeu que se fantasiou de jesuíta no baile de máscaras do carnaval realizado na Sociedade Orpheu, em São Leopoldo em 1895 (Ver: Anexo).

Contudo, não pensemos que o colono não vai tornar o "outro" como objeto de riso e, pelos mesmos motivos que ele próprio foi ridicularizado, como vemos abaixo:

Antigamente o ônibus, na colônia, trazia encomendas da cidade. Um colono ataca o ônibus e entrega ao chofer uma quantia em dinheiro com a seguinte recomendação:

-Traz do Rotermond um 'Pensekalenne'.

Como o chofer não entendesse o que era 'Pensekalenne', alguém ajudou a decifrar e chegaram à conclusão de que se tratava de Almanaque do Pensamento (MÜLLER, 1978, p.86).

O problema do idioma é recorrente. Aquele que não fala alemão é objeto de riso pelo fato de não haver coincidência entre o objeto solicitado (calendário de parede) e a tradução do que fora pedido.

Esta incursão feita sobre o riso na colônia alemã permite uma avaliação positiva quanto à potencialidade de pensá-lo como história, na história.

O Riso cheira a história: "*Cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas* (PROPP, 1992, p.32)", e se para alguns o riso é apenas ele próprio, ao historiador ele significa. Sem que se prive do riso, cabe a ele explicá-lo; cabe a ele, rir, mas, sobretudo, compreendendo o seu riso e o dos outros, em diferentes contextos. É ele quem pode disseminar o riso à medida que o torna acessível, fazendo rir aquele que pensava não poder rir.

ANEXO

Tradução parcial do texto que consta no Jornal Deutsche Volksblatt do dia 08/03/1895. Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Publicação pedida.

O "Deutsche Volksblatt", de Porto Alegre, no seu número 18, traz um relatório sobre o transcorrer do nosso carnaval e se mostra incomodado que o senhor S. Schoreschensky se permitiu uma brincadeira e apareceu vestido de padre jesuíta no baile de máscara. O relator de sua folha teria ficado sabendo, (pois ele mesmo não estava no baile), que o senhor S. Teria

difamado os costumes católicos com isso e faz censuras aos católicos do Orpheus porque eles deixam o judeu impune.

Eu também estava no baile, mas não notei nem uma ofensa aos costumes católicos. É verdade, em todos os casos, que a máscara do senhor S. Recebeu aplausos gerais, também entre a maioria dos sócios católicos, pois o senhor S. soube criticar muito bem todos os [?] de um padre jesuíta natural.

Se também em outros lugares de todo o mundo já apareceram críticas iguais e grandes personalidades e pessoas tiveram que se submeter a honra de tais brincadeiras, assim os senhores do Volksblatt ainda acreditam que eles podem impedir isso, pois seria um grande ataque divertir-se no carnaval, às custas de um padre jesuíta!! (...)

(...) eu lhes sugiro que, conforme a minha visão, seria o certo treinar a vingança adequada, se os senhores, senhor relator e o senhor redator, viessem para cá no próximo baile de carnaval e não representassem dois padres jesuítas, mas sim dois judeus poloneses!(...)

Da minha parte, eu já lhes convido gentilmente e a nossa sociedade Orpheus provavelmente não terá nada contra. Assim se diz no mundo: quando se pisa o rabo do cachorro, então ele late.

São Leopoldo, 02 de março de 1895.
Um sócio do "Orpheus"

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre a arte*. Org. / Trad. Plínio A. Coelho. SP: Imaginário/EDUPS, 1991.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. RJ: Ed. Guanabara, 1987.
- CARVALHO, Maria Rosário G. De. (Org.). *Identidade étnica; mobilização política e cidadania*. Salvador: UFBA/Empresa Gráfica Bahia, 1989.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad. Jayme Salomão. RJ: Imago, 1969.
- GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1991.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. (Estudos). SP: Ed. Perspectiva, 1971.
- LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a Nova História*. Lisboa: Ed. 70. s.d

MÜLLER, Telmo L. *Colônia alemã: imagens do passado*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

MÜLLER, Telmo L. *Colônia alemã: histórias e memórias*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1978.

PROPP, Vladimir. *Comichidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero F. De Andrade (Fundamentos). SP: Ática, 1992.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Paródia, paráfrase & CIA*. (Série Princípios). SP: Ática, 1988.

SCHÜLLER, Donald. A mãe que perdi. In: FISCHER, Luís A.; GERTZ, René E. (Coords). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

WEBER, Regina. Memórias e estudos sobre a condição de descendente de imigrantes alemães. In: FISCHER, Luís A.; GERTZ, René E. (Coords). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.